

Famílias urbanas: parentalidades e convivências no Movimento dos Sem Teto da Bahia

Helaine Pereira de Souza¹

Introdução

Quando damos vozes às jovens mães sem teto, centramos nossa investigação no feminino. Entretanto, estamos longe de negar que a gravidez precoce só é vivida pela mãe. Redes são construídas e criam-se espaços de vinculação, afetividade e, porque não, de conflitos também. As avós têm papéis preponderantes, seja no cuidado ou no prover, como veremos a seguir².

Dados os limites territoriais das ocupações, as separações entre um domicílio e outro podem ser efêmeras, sem que isso signifique que esses sujeitos desejem compartilhar suas intimidades e abdicar de sua privacidade. As/os vizinhas/os têm funções importantes e a sociabilidade se dá de diferentes maneiras.

Por vias naturais, a concepção necessita da presença feminina e masculina. Portanto, partimos a buscar onde esta esse pai e quais os vínculos que são estabelecidos após o advento da gravidez.

Revisando a literatura

A família contemporânea, resultado das mudanças advindas do Tempo Presente, é a articulação de gerações e gênero em um determinado tempo histórico e social (MOTA, 1998), criando diálogos, interdisciplinaridade. Compartilhamos da idéia de que essas duas categorias, gênero e gerações, são alavancas neste quadro de transformações, uma vez que vêm sendo realizadas numa outra dinâmica e seguindo novas formas e códigos. “A melhor abordagem dessa revolução cultural [século XX] é por tanto através da família e da casa, isto é, através da estrutura de relação entre os sexos e as gerações.”

¹ Mestre em Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL. Bolsista FAPESB. Integrante do NPEJI.

² Para um debate mais ampliado ver: BORGES e CASTRO (orgs.), 2007.

(HOBSBAWM, 1995: 314). Mudaram-se a idéia de casamento, as concepções de sexualidades, de estrutura de chefia familiar e, até mesmo as redes de solidariedade que compõe a família.

Observando que a História e a Sociologia fundam caminhos aproximados e convertem objeto de pesquisa em potencial processo de ação e intervenção, também vale o resgate de Sardenberg (1998), quando aponta para a existência de uma rede de apoio mútuo entre as diferentes gerações de mulheres de uma mesma família, permitindo a conciliação entre trabalho doméstico e assalariado. Esse fenômeno, em famílias matrifocais extensas, possibilitaria uma chefia doméstica hereditária. No entanto, as concepções de família, de relações de gênero e de geração não podem ser vistas sem enveredar por sua multireferencialidade e complexidade, envolvendo novas abordagens e novas configurações (apesar das entrevistas sempre manifestarem que suas representações familiares e sociais se aproximam mais das tradições no que se refere à temática).

Em um contexto no qual os companheiros seriam “efêmeros ou apenas periféricos” (SARDENBERG, 1998: 23), duas ou mais gerações de mulheres habitariam no mesmo domicílio. Tal dinâmica seria um balizador entre o trabalho assalariado e as atividades domésticas.

Pensando em romper com as “amarras” dos papéis, haveria a necessidade de, através de suas falas, arriscarem também a “tomada de consciência” de sua condição feminina pautada e condicionada por uma abordagem patriarcal e hierarquizada dentro do próprio movimento social. Para Beck (2006), são cinco as condições mais relevantes que possibilitaram a libertação feminina de suas atribuições tradicionais. Seriam elas: o aumento da expectativa de vida; resignificação do trabalho doméstico, que é aliviado pelos inúmeros utensílios; as medidas contraceptivas; o número de divórcios e profissionalização. Entretanto, há que se verificar que no contexto estudado, por exemplo, as medidas contraceptivas também revelam outras questões, como é o tema do aborto, e que no que se refere aos divórcios, estes somente válidos judicialmente quando estabelecido contrato conjugal, o que não é o caso das entrevistadas.

Este aumento da longevidade que atinge principalmente as mulheres, faz com que os idosos tenham uma participação maior na dinâmica familiar, o que atinge também aspectos econômicos.

O envelhecimento, fenômeno biossocial tradicionalmente esquecido pela pesquisa, vem se destacando agora como fato merecedor de atenção e análise, tanto do ponto de vista da vida individual como do coletivo, quando os idosos constituíram segmento populacional em expansão, não apenas da perspectiva quantitativa de sua inserção social atingidos por mudanças significativas na vida social e respondendo por ela (MOTA, 2007:113).

Como resultado, encontramos no mesmo ambiente diferentes gerações e a figura da avó passa acumular diferentes funções. “A socialização pode assim ser entendida através de um modelo de influências bilaterais, dialeticamente constituído.” (BIASOLI-ALVES, 2008).

A criança recebe diferentes mensagens disciplinares de vários cuidadores, ficando difícil para ela saber a quem respeitar, obedecer, ou eleger como modelo. Esta situação pode ser agravada se a mãe não assume a tarefa de disciplinar os filhos, e principalmente se ela, assim como suas práticas, for alvo das críticas de sua própria mãe, ou seja, a avó das crianças.

A tarefa transicional que aí se apresenta é transferida a autoridade da avó para a mãe: entretanto, os filhos podem mostrar alguma dificuldade em aceitar isto por terem visto a mãe durante muito tempo quase como uma irmã mais velha, se ela for muito jovem, ou por serem criados em outro lugar (REGO, BASTOS e ALCÂNTARA, 2002,).

Ademais, o conflito de gerações e a linhagem feminina da economia do cuidar definem a própria experiência e criam dependências para um grupo jovem e que tem/tinha como projeto de vida caminhar por outras trilhas

- Eu tinha certeza, porque com 15 anos já tava na oitava série, eu queria ser uma boa profissional, pensava até em fazer faculdade (Lazule).

- Só desejava ser mãe mais tarde. Queria trabalhar, ter minha casa, ajudar minha mãe (Perola).

De certo, como anunciavam as feministas da década de 70, o pessoal é político. Ousamos ir mais além, e afirmar que nunca antes, na História, o foi de maneira que é no século XXI. O privado passou a ser alvo de intervenção direta do Estado que, por fim, acaba por privilegiar um tipo de família em detrimento de tantas outras configurações e

experiências. Necessário se faz salientar que a diversidade dos modelos conjugais e familiares é explicada pelos modos como os grupos ou os indivíduos interpretam as normas sociais produzidas num determinado contexto histórico. (ABOIM, WALL, 2002:476). Mais do que significado e determinismos, há que se observar e identificar a diversidade e a composição representada e vivida no cotidiano.

Luc Ferry, em “Família, amo vocês”, assinala que,

Sem nos darmos conta, passamos progressivamente das famílias a serviço da política (como foi o caso, por ocasião de todas as guerras) a uma política a serviço das famílias. Daí a maior frequência dos temas que têm a ver com educação, segurança, saúde, habitação, transporte, lazer, etc., ou seja, as diversas formas de preocupações certamente coletivas, mas que emergem da intimidade e que se continua, por força do hábito a tratar de maneira administrativa, sem perceber as novas dimensões afetivas e de sentido que contêm (FERRY, 2008:75).

Deste modo, ainda pode-se apontar que, na historiografia contemporânea, existem outras contribuições para elucidar a formação e a caracterização dos grupos familiares e sociais. Guedes entende que o foco na cultura de classe trabalhadora urbana “não significa, sob tal perspectiva, postular um sistema simbólico fechado e isolado, que decole sem intermediações da condição de classe” (GUEDES, 1998:190). As famílias seriam partes de um contexto social e produtor de cultura.

O ambiente familiar apresenta-se à criança em desenvolvimento como um fluxo de práticas e rotinas, dentro do qual são socializados e construídos significados culturais e padrões de interação que se tornam o material de que é feito o estilo singular de da família e de cada pessoa. (BASTOS; ALCÂNTARA; FERREIRA-SANTOS, 2002)

No entanto, essas redes não seriam compostas apenas por indivíduos ligados por consanguinidade, mas pelo compromisso e pela afetividade indicados voluntariamente por seus integrantes. A importância da metáfora de rede reside na idéia de relações, de entrelaçamento, na multiplicidade de fios de interligações em combinações pluridimensionais (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2009:152).

Entretanto, referindo-se as classes populares, é possível ponderar que:

Não se trata, portanto, de entender apenas as configurações subjetivas presentes em uma ética popular que pode ser baseada em reciprocidade e criatividade desenvolvidas na busca de soluções para os problemas da vida cotidiana, mas de entender como essas relações

de reciprocidade que estão na base das redes sociais de ajuda mútua operam, de fato, em decorrência do acesso aos recursos necessários a esta produção cotidiana. Isso porque nelas interferem as relações de conflito, já que o cotidiano é marcado pela carência total de recursos e a luta pela sobrevivência é, muitas vezes, individual e isolada (GUIMARÃES, 1998:98).

E mais adiante:

Nesse sentido, a vida urbana tende a destruir a coesão baseada na autoridade familiar, tanto no lar, como entre vizinhos. Assim, a nova pobreza das cidades afeta a reconstrução das relações para trabalhadores, geralmente migrantes. Em sua concepção, surge uma necessidade de manter as aparências, o que impõe novas demandas a recursos escassos e isso dificulta o oferecimento de ajuda aos vizinhos... assim, tende-se a isolamento. São, portanto, as dificuldades materiais, não somente de oferecer mas também de retribuir ajuda que se torna fontes de tensão no princípio da reciprocidade (GUIMARÃES, 1998: 99).

A análise das famílias pobres urbanas carece de um duplo cuidado, no intuito de evitar as visões maniqueístas, ora de que estas desejam ver a esfera doméstica compartilhada por toda a vizinhança, ora que a pauperização esta intrinsecamente ligada à criminalidade e, por tanto, precisa ser vigiada de perto.

Se como dito, as relações de gênero marcam a família contemporânea, como a atuação feminina se daria para além desse espaço, quando elas partem de demandas do lar? Existiria uma dicotomia entre o público e o privado? Esses são os questionamentos norteadores da próxima seção.

A família do MSTB

Nossas entrevistadas revelam que suas gestações foram resultado de relações estáveis, ao contrário da máxima que atribui à sexualidade juvenil irresponsabilidade e relações casuais e sem criação de vínculos e projetos para além do presente, do instantâneo. No geral, o evento da gravidez neste período resultou numa coabitação:

- Moro com ele [pai da criança] (Jade).

Entretanto, não é o suficiente para que esta se mantenha nos anos que seguem. Algumas das jovens já se encontravam em uma segunda união estável, determinando que a concepção de família, por exemplo, se forma mais pela filiação materno-infantil que através da horizontalidade no sentido das experiências conjugais.

Mesmo que os jovens não estabeleçam uma união e que passem a morar no mesmo local, isso não significa o fim do namoro. São relações que se definem por outras configurações que não o modelo tradicional e nuclear, assinalando também que as relações sociais e familiares se criam e se matizam no cotidiano, incorporando “novas abordagens” e identidades.

No começo, ele [o pai da criança] ajudava, todo dia ele ia ver, toda hora ele tava perto, todo dia tava perto, todo dia tava perto, todo dia tava perto, só que foi aquela coisa, quando eu engravidei de meu filho, ele tinha outras mulheres, então a gente não tinha aquele contato, aí quando ele nasceu, ele queria tentar de novo uma vida junta, só que eu não queria mais, porque na hora que eu queria ele perto de mim ele nunca podia estar, depois que meu filho nasceu por que eu ia querer? Aí me retei e não quis mais (Lazule).

Mesmo que a relação com o pai do primeiro filho não seja levada adiante, não impossibilita que outras uniões sejam formadas, representando também um pouco do que é a própria fase que vivem: adaptações, mudanças e , sobretudo, descobertas.

- Eu não tô com o pai delas duas, assim que eu engravidei dela [a primeira filha] eu enjoei ai terminei logo, o pai da outra [a segunda filha] da mesma forma. Só o pai do pequeno que eu ainda tô. Não sei qual é o mistério, mas eu ainda tô (Esmeralda).

Para o genitor, a gravidez pode não ser desejada, mas a fala das entrevistas nos sugere a inexistência de alternativas e a tomada de decisão centrada em sua própria opinião. É necessário aceitar.

- Ele [pai da criança] não ficou tão feliz, mas teve que aceitar. Ele não tinha planos de ter filhos agora, com 23 anos (Safira).

- [o pai da criança] Não quis no começo, queria tirar, mas eu tinha falado com ele ‘ou você fica com a menina, eu não vou abortar, ou você fica com a menina ou a gente termina’ aí ele preferiu, conversou, bateu um papo com as crianças, ele preferiu ficar com as crianças (Ágata).

Mesmo quando a gestação é recebida com entusiasmo, isso não necessariamente significa que o pai assumirá as funções que esperam dele. São “filhos” das mães, configurando-se ainda e valorizando algo que na historiografia é muito comum nas Ciências Sociais e Humanas: a “essencialização”, a “naturzalização” da função/papel materno e da não opção por outros caminhos.

- Ele ficou alegre, mas pra que ele ficou alegre se ele não deu nada? Alegre ele ficou. No começo foi bom, ele ainda tava trabalhando,

ajudou . Mas depois que a gente se separou foi um ó. Até hoje quem assume é a mãe dele, dá de tudo ao meu filho, do bom e do melhor. Mas o pai não dá nada, nem uma cueca. Não mudou nada na vida dele, não vem nem ver. Eu não tenho ele como pai do meu filho não (Turmalina).

Esse comportamento pode ser justificado pela ausência de responsabilidade

[Sobre o pai da criança] Que fosse um homem mesmo, que não fosse um menino. Praticamente ele também era menino (Turmalina).

No entanto, a paternidade somada à coabitação pode trazer para esse jovem pai um senso maior de responsabilidade e servir como fonte de amadurecimento pessoal.

- É a segunda filha dele. Essa aí, a segunda, tá dando mais uma coisa da cabeça dele, mais responsável. Entendeu? (Ágata).

- Ele ficou feliz, surpreso mais feliz. Ele agora tá um pouco mais responsável, porque antes ele não era (Esmeralda).

De maneira geral, as mães avaliam a atuação paterna como boa, ao menos suficiente.

- Ele é um bom pai, ele pode ser tudo, mas pai ele é ótimo (Ametista).

E, em seguida, completa:

- Outro igual eu não encontraria em lugar nenhum (Ametista).

Pensamentos assim não são raros.

- Ele é um bom pai, ele cuida da filha dele, o que ela precisa ele dá ela (Perola).

- Ele é um ótimo pai. Quer bem pra minha filha, bem pra filha dele (Ágata).

- Ele é um bom pai, não tenho o que dizer, não. Como companheiro ,ele também é bom (Esmeralda).

Mesmo que esse pai não esteja presente como responsável na tarefa de cuidar, o que faz parte do rol feminino é reforçado nas falas a seguir.

- Como companheiro ele é mais ou menos. As vezes ele deixa o barco pra cima de mim todo. Tem vezes que ele acha que só eu devo tomar conta. E praticamente ele me prendeu, e não eu prendi ele. Então ele sai, não liga se tem que sair com a menina ou não. Eu não, seu eu sair um minutinho ele acha que a menina vai chorar, vai ficar chorando, não vai aguentar. Na verdade, a responsabilidade é só minha (Ágata).

- O pai nunca fez nada (Turmalina).

- Ele ajuda, mas só que agora ele tá trabalhando, só a noite. Quando ele tá em casa, ele fica lá na casa do colega dele, só que ele leva (Ametista).

À figura masculina é destinada a tarefa de prover, do sustento da família, não estando ligada ao cuidado com a criança, o que instrumentaliza e normatiza a idéia de tradição nos papéis e funções de gênero, sob o argumento de ocupar o espaço da rua. Sarti acredita que o homem é valorizado enquanto trabalhador na medida em que cumpri a tarefa de prover a família. “Ao lado da realização de sua disposição de homem forte para trabalhar, o sentido do trabalho para o homem está na possibilidade de, através dele, cumprir o papel familiar de provedor” (2003, p.96).

- Ele é pintor automotivo, trabalha, só chega a noite (Safira).

Nas palavras de Dias, a presença masculina seria simbólica. Caberia à mulher a centralidade e chefia no ambiente doméstico.

A mulher-mãe, mesmo com a presença do cônjuge, assume um papel central no espaço doméstico e nas estratégias familiares, geralmente ela é a mediadora das relações internas do grupo. Especialmente nas camadas populares, social e simbolicamente, a presença masculina mantém um sentido, às vezes mais idealizado do que real, de provimento e proteção (DIAS, 2001, p. 81).

Mas se a mãe é quem trabalha fora, o pai pode se encarregar das tarefas do cuidar.

- Eu acho até que ele [pai] cuida mais do que eu. Porque eu tô sempre trabalhando. Ele fica mais em casa (Esmeralda).

E completa:

- Das meninas não, ele manda tomar banho, elas mesmo se limpam, se vestem. Porque é menina mulher. Então ele fala ‘antes de você ir trabalhar, você dá um banho nessas meninas, você sabe que eu não dou banho’. Mas ele cuida sim, faz tudo direitinho (Esmeralda).

Apenas Lazule nos revela que o pai da criança ainda estudava. Todos os demais já não freqüentavam a escola. Perfazendo a idéia de que escolaridade, trabalho/desemprego e vulnerabilidades de outros tipos concomitantemente assinalam decisões que implicarão não só no futuro individual, mas sobretudo as gerações mais novas. Jade conta que o genitor com que mora está desempregado. Estudou até a terceira série do Ensino Fundamental I e é vendedor ambulante no transporte coletivo urbano, assinalando condições precárias de vida e de trabalho.

- Ele vende amendoim (Jade).

A história de Topázio ilustra uma realidade marcada pela violência doméstica. Seu companheiro era usuário de drogas,

O pai delas foi uma pessoa muito agressiva, depois que eu engravidei dela, depois que ela tinha uns sete a oito meses, eu passei a morar com ele, ai depois que eu passei a morar com ele, começou as agressões, ele me agredia verbalmente, fisicamente. Ele me agredia, ai depois eu me separei dele, Fui morar com minha mãe, novamente, e quando eu fui morar com minha mãe eu já estava grávida da outra. Porque já a segunda gravidez, foi uma gravidez que eu tive, mas só que foi uma gravidez quase forçada, porque eu não queria ter nada com ele, mas ele me agredia, me forçava a fazer o que eu não queria, e aí eu acabei engravidando dela (Topázio).

Para Turmalina não foi diferente: conheceu o pai do seu filho por intermédio de grupos de amigos e não tardou a conhecer de perto a violência doméstica.

- Como companheiro ele foi um ó, só fazia me bater e passar com mulher na minha porta, um dos homens que eu não voltaria nunca mais na minha vida só era ele. A gente se conheceu por uma amiga na festa, que falou 'bora, prum reggae, você com um, eu com fulano e você com sicrano'. Me deixaram logo o pior, que gostava mais de bater. Foi assim que a gente se conheceu (Turmalina).

A mãe, e portanto avó materna, é uma figura de destaque nas narrativas das jovens entrevistadas³. Elas estão presentes desde o momento da descoberta da gravidez, e participam da decisão em interromper ou levar a gravidez adiante. E depois nos cuidados com a prole. São as chamadas redes de apoio constituídas pelas mulheres sejam do grupo familiar ou não.

A maternidade como fenômeno social é marcada por desigualdades sociais, raciais/étnicas e de gênero. É ainda sobre a mulher que recaem as principais atribuições e responsabilidades com os filhos, sendo comum nas relações familiares, a constituição de uma rede feminina de solidariedade e apoio para cuidar das crianças. (DIAS; AQUINO, 2006:1448).

Não localizamos, se quer uma adolescente que não relate a relação com a mãe, mesmo que seja para negá-la, enquanto o pai raramente é mencionado. Jade nos conta que seu pai já era separado de sua mãe no momento que ela engravidou e, por isso, não participou do evento. Em pesquisa sobre o papel que as avós exercem, Silva e Salmão

³ Sobre atuações das avós na educação de crianças, ver: REIS e RABINOVICH (2008).

destacam que as avós podem ter diferentes formas de participar da gravidez e do cuidado com o neto:

Em suma, constatou-se que há pelo menos três situações típicas a serem observadas no relacionamento avó materna do bebê-mãe adolescente: a) a avó que assume a responsabilidade pelo cuidado infantil; b) a avó que está envergonhada com a gravidez e tem pouca confiança na maturidade da adolescente, tornando-se tão restritiva que o desenvolvimento desta enquanto mãe é inibido; c) e a adolescente que assume a responsabilidade pelo cuidado da criança, ficando a avó disponível apenas como ponto de apoio, não cuidando o tempo todo do bebê (SILVA; SALOMÃO, 2003:136-137).

A reação do pai de Turmalina não foi positiva no momento da descoberta da gravidez, mas depois do nascimento da criança passou a acolhê-los.

Só minha mãe. O meu pai não, me botou pra fora, disse que eu não iria morar lá, que não era neto dele, que não queria ouvir choro. Eu sofri muito, mas assim que meu filho nasceu o primeiro presente foi do meu pai. E até hoje é louco, mora com ele, com meu pai e com minha mãe, meu filho (Turmalina).

Quando outros apoios, são negados é a figura materna que se apresenta como base.

- Ela [mãe] conversou comigo. Muita gente não aceitava, e aí ela deixou me deixar ficar (Perola).

Nas narrativas, as mães sempre aconselham por não realizarem o aborto. Safira diz que sua mãe temia que a criança nascesse com problemas, caso a tentativa fosse frustrada. Do mesmo modo, Jade revela:

Minha família me apoiou, minha mesmo disse que não era pra tirar. Eu é que não queria (Jade).

Mesmo após o nascimento da criança, constituindo outro núcleo familiar, a avó não deixa de participar do cuidado com os netos.

- Minha mãe me ajudou a criar até uns seis anos, hoje ela tem oito, minha mãe ajudou, até hoje ajuda a criar elas, me dá um auxílio (Topázio).

- Quem mais me ajudou foi minha mãe. Minha mãe e muitas amigas que eu

tinha, que eu tenho ainda, que moram lá embaixo (Turmalina).

- Só minha mãe me ajuda no cuidado com as crianças. Quando eu saio, mesmo e ela tá dentro de casa ela olha. Ajuda na alimentação, quando eu to ocupada com um ela cuida do outro (Ametista).

- Minha mãe foi me instruindo em algumas coisas que eu não sabia, como quando tava sentindo alguma coisa, eu não sabia, mas agora eu sei (Esmeralda).

- Minha mãe é muito apegada a ela [filha]. Ela [mãe] cuida. Se acontece alguma coisa com ela [filha], ela [mãe] fica maluca (Perola).

Também, não são raros as adolescentes que continuam morando com as mães após a descoberta da gravidez.

- A minha família esteve presente em partes. Das duas primeiras teve, eu tava com minha mãe, eu tava dentro de casa ainda. Daquele ali não [filho mais novo], eu já fiquei um pouco mais distante, porque eu já não tava mais sob o poder de minha mãe. Eu tinha minha casa, tinha meu marido, tava vivendo só. Ai minha mãe não acompanhou assim, por muito tempo, porque também, quando eu tive ele, ela nem sabia, ninguém ligou pra poder contar pra ela. Ai dele eu fiquei sozinha. Eu morava em um outro bairro (Esmeralda).

As avós podem estender sua colaboração ao sustento dos netos, sobrepondo cuidar e prover como atividades cotidianas.

- Minha família me ajuda até hoje, eu não trabalho, eu nunca na minha vida trabalhei. Meu marido tá fazendo um “bico”, aí mainha me ajuda, manda umas compras, mainha me dá um dinheiro, às vezes ela compra alguma coisa para comer (Ametista).

Para Ágata, a situação é diferente. Sua mãe não representou um ponto de apoio, e ela teve que recorrer a ajuda de terceiros.

- Minha mãe não me ajudou. Quem me ajudou foi o pessoal da rua, os parentes do meu marido. Minha mãe achava o que? Já que eu tô morando numa casa. Ela não tem mais responsabilidade comigo (Ágata).

Ao percorrermos as ocupações, é possível perceber que o espaço de circulação das crianças é amplo⁴. Desde cedo, não há nítidos limites para seus olhos curiosos. Meninos e meninas estão em todos os lugares. Marcam o cotidiano com suas brincadeiras, frequentam caminhadas, passeatas, os Congressos, são vistas em locais predominantemente adultos. E não se acanham em perguntar sobre a nossa presença, de nos contar seu dia-a-dia, sua vida escolar.

Entretanto, quando questionadas, nossas mães fazem limitações ao papel da vizinhança no cuidado com as/os filhas/os. Jade reforça o papel da família no cuidado e sem definir ou privilegiar em demasia, afirma que os vizinhos “ajudam em alguns cuidados básicos” (Jade).

Para Lazule, o cuidado dos vizinhos é pontual:

- Os vizinhos, às vezes, participam e, às vezes, não, no cuidado.

E justifica:

- A maioria dos vizinhos costumam dizer assim, quando a filha de alguém engravida ‘ah, ela vai aprender, menina. Eu já passei por isso.’ (Lazule).

Topázio não pensa diferente e diz que procura os vizinhos quando precisa, e quando solicitado eles ajudam.

Os vizinhos ajudavam, uma dava banho, essas coisas assim (Turmalina).

Dentro das ocupações, a vizinhança⁵ é um elemento necessário, o que às vezes revela uma convivência difícil, nem sempre harmônica.

- Eu só falo com uma pessoa na invasão, que é cristã. Só me dou com ela, mesmo, quando preciso sair, ela olha ele, dá um mingau, dá banho (Safira).

O que nos sugere que a privacidade é desejada. Que não se pretende compartilhar todo seu cotidiano, mesmo que durante as nossas visitas, ao chegarmos nos barracos nos encontramos com uma vizinha, que ali conversavam.

⁴ Sobre circulação de crianças em espaços familiares urbanos, indica-se FONSECA (1990) e FONSECA (2006).

⁵ Sobre relação família X comunidade, ver RONAMI, 2005.

No entanto, quando a família de origem não presta a assistência esperada, é a vizinhança que passa a cumprir esse papel. São essas redes de apoio mútuo que ensinam para as novas mães como proceder com a chegada da criança.

- Pra dar banho eu aprendi com uma moça, ‘olha, é assim que dá banho, tem que ter cuidado com a orelhinha, pra não cair água no ouvido’. Então, pra dar banho, a moça me explicou como é que dava banho, como é que dava o alimento, uma alimentação e tudo (Ágata).
- Tinha uma vizinha que me ensinava a dar banho, a cuidar dele, aí eu fui aprendendo (Turmalina).

E no dia a dia, é com que, efetivamente, se pode contar.

- [No cuidado] Praticamente só eu e umas amigas, uma vizinha e uma colega minha que mora lá do outro lado (Ágata).

Relatos com esse nos ilustram que os pequenos limites impostos pelas “paredes” dos barracos contribuem para estimular laços de solidariedade.

- Eu tenho dois anos morando aqui já, dois anos. E eu acho o movimento aqui, as pessoas daqui, têm pessoas que ajudam, que não. Vê que o movimento aqui, essa senhora daqui tem seis anos morando aqui, então todo mundo da uma forcinha, se tá precisando de alguma coisa. Dá uma força (Ágata).

Ou ainda,

- Os vizinhos ajudam no cuidado. Se minha filha sentir qualquer coisa, alguma cólica, sentir o sintoma de alguma coisa, eles falam ‘dê um remédio, pra passar. Tá com cólica, com dor de barriga, tá sentindo alguma coisa? Leva ela no médico, que não vai resolver o que você vai dar’. Eles participam (Ágata).

Em suma,

- Os vizinhos ajudam em tudo (Esmeralda).

Sarti (2003) atribui a esse estreitamento de relações entre vizinhos nas grandes cidades a sociabilidade centrada na moradia, com quem se compartilha a vida cotidiana. Fazendo da/o vizinha/a mais importante que um parente. Ao menos quando a família também se concentra na localidade de moradia. Essa hipótese explicaria o porquê de Lazule afirmar que só “fala” com uma pessoa da ocupação, já que sua mãe e irmãs também moram ali.

Quando além de vizinhos, há relações de parentesco os laços se estreitam.

Minha irmã me ajudou bastante, porque eu não sei dá banho, não sabia dar banha quando era novinho, eu não dava banho. Não dei banho em nenhum dos três, aí minha irmã dava banho, vestia, cortava a unha. Eu tremo da minha mão direita, por acusa de um acidente que eu tive aqui, aí perdi mais o movimento da mão direita, aí eu não sei cortar unha, ela corta, ela que me ajudou bastante (Ametista).

Ou ainda,

- Dos vizinhos só minha tia que mora aqui. Quando eu saiu ela[tia] olha ela [filha]. Quando ela [filha] fica doente, se minha mãe não tiver, ela [tia] vai comigo levar no médico (Perola).

Referências

ABOIM, S e WALL, C. Tipos de família em Portugal: interações, valores e contextos. **Análise Social**, 163. Vol XXXVII, 2002.

BASTOS, A. ALCÂNTARA; M. FERREIRA-SANTOS, J. Novas famílias urbanas. In: LORDELO, E. Carvalho, A. KOLLER, S. (Org.) **Infância brasileira e contexto de desenvolvimento**. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 99-135.

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo**. Roma: Carrocci Editore, 2006.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Cuidado e negligência na educação da criança na família. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; CARVALHO, Ana M. A. (Org.). **Família e educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 18-32.

DIAS, A. B. ; AQUINO, E. M. L. . Maternidade e Paternidade na Adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, v. 22(7), p. 1447-1458, 2006.

FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês: política e vida privada na época da globalização**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FONSECA, C. L. W. "Crianças em circulação". **Ciência Hoje**, [S.l.], v. 11, n. 66, p. 32-41, 1990.

_____. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 26, p. 11-41, jun. 2006.

GUMARÃES. I. B. Revisitando a família no cenário da pobreza. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, p. 89-128, jul./dez., 1998.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOTTA, Alda B. Família e gerações: atuação dos idosos hoje. In: BORGES, A. e CASTRO, M. **Família, gênero e gerações: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 111- 134.

_____. Gênero, Família e Fases do ciclo de vida. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, p. 13-20, jul./dez., 1998.

REGO, N. ; BASTOS, A. C. S. ; ALCÂNTARA, M. A. R. As mulheres da família: mundos partilhados, mundos em conflito. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 22, p. 27-37, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2009.

REIS, L. P.; RABINOVICH, E. P. Educação compartilhada entre mães e avós. In: MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). **Família e educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 59-76.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. ; OLIVEIRA, Z. M. R. . Um diálogo com a sociologia da infância a partir da Psicologia do Desenvolvimento. In: Fernanda Muller ;Ana Maria Almeida Carvalho. (Org.). **Teoria e Prática na Pesquisa com Crianças: Diálogos com William Corsaro**. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, v. 1, p. 59-70.

SARDENBERG, Cecília. Mães e filhas: etapas do ciclo de vida, trabalho e família entre o antigo operariado baiano. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, p. 22-49, jul./dez., 1998.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, D. V. ; SALOMAO, N. M. R. . A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia** (Natal), Natal-RN, v. 8, n. 1, p. 135-146, 2003.